

IMPRÓPRIO
ATÉ 10 ANOS

A CANTORA CARREGADA

Anti-peça de Eugène Ionesco.

CENA I

P. Alegre, 17 de setembro de 1970

S. B. A. T.

Interior burguês de uma casa inglesa, com poltronas inglesas. Tarde inglesa. O Sr. Smith, inglês, sentado na poltrona, com chinelos ingleses, fuma seu cachimbo inglês, lendo um jornal inglês, perto da lareira inglesa. Usa óculos ingleses e um pequeno bigode embranquiçado, inglês. Ao seu lado, numa outra poltrona inglesa, a Sra. Smith, inglesa, remenda meias inglesas. Um longo momento de silêncio inglês. O relógio inglês dá dezessete badaladas inglesas.

A SMITH - Veja, são nove horas. Tomamos sopa, comemos peixe, batatas com tocinho e salada inglesa. As crianças beberam água inglesa. Comemos bem esta noite. É porque moramos nos arredores de Londres e o nosso nome é Smith.

O SMITH (continuando a ler, estala a língua).

A SMITH - As batatas vão muito bem com o ~~zaxxxy~~ tocinho, e o azeite da salada não estava rançoso. O azeite do vendeiro da esquina é de melhor qualidade que o azeite do vendeiro da frente; é até melhor que o azeite do vendeiro da esquina de baixo. Mas isso não quer dizer que, para eles, o azeite seja ruim.

O SMITH - (Continuando a ler, estala a língua).

A SMITH - Mas, mesmo assim, o azeite do vendeiro da esquina é sempre melhor...

O SMITH (continuando a ler, estala a língua).

A SMITH - Mary, desta vez, cozinhou bem as batatas. Da última vez, ela não as deixou cozinhar direito. Eu só gosto de batatas quando elas estão bem cozidas.

O SMITH (continuando a ler, estala a língua).

A SMITH - O peixe estava fresco. Eu lambi os beiços. Repeti ~~em~~ duas vezes. Não, três vezes. Por causa disso, tive de ir ao banheiro. Você também, repetiu três vezes. Só que da última vez, você comeu menos que das duas primeiras vezes, enquanto que eu comi muito mais. Comi melhor que você esta noite. Por que será? Geralmente, é você quem come mais. Não é por falta de apetite.

O SMITH (estala a língua).

A SMITH - Mas a sopa estava um pouco salgada demais. Estava mais salgada que você. Ah, ah, ah. Tinha também muito alho e pouca cebola. Que pena eu não ter pedido à Mary que pusesse um pouco de erva doce estrelada. Da próxima vez, prometo que não me esquecerei.

O SMITH (continuando a ler, estala a língua).

A SMITH - Nosso filhinho bem que queria beber cerveja: ele gosta muito de tomar um trago: é parecido com você. Você viu, na mesa, como ele olhava para a garrafa?

IMPRÓPRIO
ATÉ 10 ANOS



- 2 -

rafa. Mas eu enchi seu copo com água do jarro. Como êle tinha sede, bebeu. Helena é parecida comigo; é boa dona de casa, econômica, e toca piano. Nunca pede para beber cerveja inglesa. É como a nossa filhinha, que só bebe leite e só come papinha. Por aí a gente vê que ela só tem dois anos. Chama-se Peggy. A torta de marmelo e feijão estava formidável. A gente poderia muito bem ter tomado, à sobre mesa, um copinho de vinho da Borgonha australiano, mas eu não o trouxe para não dar às crianças um mau exemplo de gulodice. É preciso ensiná-los a ser sóbrios e comedidos na vida.

O SMITH (continuando a ler, estala a língua)

A SMITH - A sra. Parker conhecia um vendeiro rumeno, chamado Popesco Rosenfeld, que tinha acabado de chegar de Constantinopla. É um grande especialista em yogurt. É diplomado pela escola dos fabricantes de yogurt de Andrinopla. Amanhã mando comprar uma grande panela de yogurt rumeno folclórico. Não existem coisas como essa, aqui, nos arredores de Londres.

O SMITH (continuando a ler, estala a língua)

A SMITH - O yogurt é excelente para o estômago, os rins, o apêndice e a apoteóse. Foi o que me disse o dr. Mackenzie-King, que trata dos filhos dos nossos vizinhos, os Johns. É um bom médico. Pode-se ter confiança nele. Nunca receita um remédio que não tenha experimentado nele próprio. Antes de fazer a operação no Parker, fêz-se operar do fígado, sem estar, absolutamente, doente.

O SMITH - Mas então, por que não aconteceu nada com o doutor, e o Parker morreu?

A SMITH - Ora essa, porque a operação foi bem sucedida para o doutor e mal sucedida para o Parker.

O SMITH - Então Mackenzie não é um bom médico. A operação devia ter sido bem sucedida para os dois, ou então os dois deveriam ter morrido.

A SMITH - Por quê?

O SMITH - Um médico consciencioso deve morrer com o paciente, se não há cura para ambos. O capitão de um navio morre com o navio no mar. Ele nunca abandona o posto.

A SMITH - Não se pode comparar um doente com um navio.

O SMITH - Por que não? O navio também tem as suas doenças; aliás, o teu médico tem tanta saúde quanto um navio; por isso é que êle devia morrer junto com o doente, como o doutor e o seu navio.

A SMITH - Ah! Não tinha pensado nisso... Talvez seja isso mesmo. E então, qual é a conclusão que você tira?

O SMITH - É que todos os médicos não passam de charlatões, e todos os doentes também. Somente a marinha é honesta na Inglaterra.

A SMITH - Mas não os marinheiros.

O SMITH - Naturalmente! (Pausa.) (Sempre lendo o jornal.) Há uma coisa que

IMPRÓPRIO
ATÉ 10 ANOS



- 3 -

não compreendo. Por que razão, nas sociais do jornal, sai sempre a idade das pessoas falecidas, e nunca a dos recém-nascidos? É um "nonsense".

A SMITH - Eu nunca pensei nisso.

(Outro momento de silêncio. O relógio dá sete badaladas. Silêncio. O relógio dá três badaladas. Silêncio. O relógio não dá nenhuma badalada.)

O SMITH - ~~Ok~~ (Sempre lendo o jornal.) Ora veja, aqui dá que Bobby Watson morreu.

A SMITH - Meu Deus, o pobrezinho; quando foi que ele morreu?

O SMITH - Para que esse espanto? Você sabe perfeitamente. Ele morreu há dois anos. Então, não estivemos no enterro dele, há um ano e meio?

A SMITH - Claro que me lembro. Eu não me lembrei logo. Mas o que não compreendo é porque você ficou tão espantado de ver isso no jornal.

O SMITH - Isso não estava no jornal. Há três anos que se fala da sua morte. Recordei-me por associação de idéias.

A SMITH - Coitado! Ele era tão conservado.

O SMITH - Era o cadáver mais bonito da Grã-Bretanha. Não aparentava ter a idade que tinha. Pobre Bobby, estava morto há quatro anos e ainda estava quente. Um verdadeiro cadáver vivo. E como era alegre!

A SMITH - Coitada da Bobby.

O SMITH - Você quer dizer, coitado do Bobby.

A SMITH - Não, penso na mulher dele. Chamava-se Bobby, como ele, Bobby Watson. Como ele tinha o mesmo nome, não era possível distinguir um do outro, quando estavam juntos. Só depois da morte dele é que se pode saber de verdade quem era um e quem era outro. E você sabe que ainda hoje há gente que a confunde com o defunto e lhe dá pêsames? Você a conhece?

O SMITH - Só a vi uma vez, por acaso, no enterro do Bobby.

A SMITH - Eu nunca a vi. É bonita?

O SMITH - Tem traços regulares, mas não se pode bem dizer que seja bonita. É muito alta e forte. Seus traços não são regulares, mas ela é bem bonita. É um pouco baixinha e ordinha. É professora de canto.

(O relógio dá cinco badaladas. Um longo silêncio.)

A SMITH - É quando é que os dois pretendem se casar?

O SMITH - O mais tardar, na próxima primavera.

A SMITH - Precisamos fazer todo o possível para irmos ao casamento.

O SMITH - Temos de arranjar um presente. O que poderia ser?

A SMITH - Podíamos dar uma daquelas sete bandejas de prata que ganhamos em nosso casamento e que nunca usamos. Foi triste para ela ter ficado viúva tão môça.

O SMITH - Ainda bem que eles não têm filhos.

IMPRÓPRIO
ATÉ 10 ANOS - 4 -



A SMITH - Era só o que faltava! Filhos! Coitadinha, onde é que ela^{os} iria =
deixar?

O SMITH - Ainda é muito moça, pode casar-se novamente. Fica muito bem de luto!

A SMITH - Mas quem tomará conta das crianças? Você bem sabe que eles têm um menino e uma menina. Como é que se chamam mesmo?

O SMITH - Bobby e Bobby, como os pais. O tio de Bobby Watson, o velho Bobby Watson, é rico e adora o menino. Ele poderá muito bem se encarregar da educação de Bobby.

A SMITH - Coisa, aliás, muito natural. E a tia de Bobby Watson, a velha Bobby Watson, poderia muito bem, por sua vez, se encarregar da educação de Bobby Watson, a filha de Bobby Watson. Assim, a mãe de Bobby Watson, Bobby, poderia se casar de novo. Ela já tem alguém em vista?

O SMITH - Sim, um primo de Bobby Watson.

A SMITH - Quem, Bobby Watson?

O SMITH - De qual Bobby Watson você está falando?

A SMITH - De Bobby Watson, o filho do velho Bobby Watson, um outro tio de Bobby Watson, o defunto.

O SMITH - Não, não se trata desse, é um outro. Trata-se de Bobby Watson, o filho da ~~velha~~ velha Bobby Watson, a tia de Bobby Watson, o defunto.

A SMITH - Ah, você quer dizer Bobby Watson, o caixeiro-viajante!

O SMITH - Todos os Bobby Watson são caixeiros-viajantes.

A SMITH - Que profissão horrível! Ainda assim, dá bom dinheiro.

O SMITH - Sim, quando não há concorrência.

A SMITH - E quando é que não há concorrência?

O SMITH - Às quartas, quintas e sextas.

A SMITH - Ah! Três vezes por semana! E o que faz Bobby Watson nesses dias?

O SMITH - Descansa, dorme.

A SMITH - Mas por que razão ele não trabalha nesses três dias, já que não há concorrência?

O SMITH - Eu não posso saber tudo. Como é que vou responder a todas as suas perguntas idiotas?

A SMITH (ofendida) - Você diz isso para me humilhar!

O SMITH (sorridente) - Você bem sabe que não.

A SMITH - Os homens são todos iguais! Vocês ficam aí, o dia inteirinho = com o cigarro β na boca, ou então se empoando e pintando os lábios, cinquenta vezes por dia, quando não se põe a beber sem parar.

O SMITH - E você queria que os homens fizessem como as mulheres: fumar o dia inteiro, passar pó de arroz o tempo todo e baion pra cá e baton pra lá, e bebendo uísque?!

IMPRÓPRIO
ATÉ 10 ANOS



- 5 -

A SMITH - Por mim, que me importa! Mas se ~~em~~ você diz isso para me chatear, então... eu não gosta dessas brincadeiras, você sabe muito bem! (Joga as meias longe e arreganha-lhe os dentes. Levanta-se).

O SMITH (levanta-se também, aproximando-se dela, ternamente) - Ah, minha franguinha assada, por que você cospe fogo? Bem sabe que eu estava brincando. (To ma-a pela cintura, beijando-a). Que ridículo casal de velhos apaixonados. Apague a luz, e vamos fazer naninha!

CENA II

Os mesmos e Mary

~~EE~~ MARY (entrando) - Eu sou a empregada. Passei ~~á~~ uma tarde muito agradável. Fui ao cinema com um homem e assisti um filme com mulheres. ~~Em~~ Quando acabou a sessão, fomos beber leite com pinga. Depois, ficamos lendo o jornal.

A SMITH - Espero que você tenha passado uma tarde muito agradável, que ~~te~~ nha ido ao cinema com um homem e bebido leite com pinga.

O SMITH - E o jornal!

MARY - O Sr. e a Sra. Martin, seus convidados, estão aí na porta. Ficaram me esperando. Não tiveram coragem de entrar sôzinhos. Deviam jantar com os senhores, esta noite.

A SMITH - Ah, sim! Estávamos à espera deles. Mas tínhamos fome. Como não vinham, jantamos assim mesmo. Não comemos nada o dia inteiro. Você não devia ter saído.

MARY - Os senhores é que deixaram!

O SMITH - Não foi de propósito.

MARY (cai na risada. Depois chora. Sorri.) - Comprei um orinol.

A SMITH - Por favor, Mary, abra ~~a~~ ~~porta~~ e faça-os entrar. Vamos nos aprontar, depressa. (O Sr. e a Sra. Smith saem pela direita. Mary abre a porta da esquerda, por onde entram o Sr. e a Sra. Martin).

CENA III

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Mary e o casal Martin

MARY - Por que vieram tão tarde!? Não têm educação, mesmo! Não se deve nunca chegar atrasado. Entenderam? Bom, sentam-se, vai; e esperem. (Sai).

CENA IV

O casal ~~Martin~~ Martin



(O Sr. e a Sra. Martin sentam-se, um frente ao outro, sem dizer uma palavra. Sorriem timidamente).

O MARTIN (O diálogo que segue deve ser dito com voz arrastada, monótona, um pouco cantada, sem nenhuma inflexão.) Desculpe, minha senhora, mas parece, se não estou enganado, que já a conheço de algum lugar.

A MARTIN - A mim também, senhor, parece-me que já o conheço de algum lugar.

O MARTIN - Será que ~~já~~ já não a vi em Manchester, por acaso, minha senhora?

A MARTIN - É bem possível. Eu nasci em Manchester! Mas eu não me lembro muito bem, senhor; não poderia afirmar se ~~já~~ o conheço ou não!

O MARTIN - Meu Deus, como é engraçado! Eu também nasci na cidade de Manchester, minhassenhora!

A MARTIN - Como é engraçado!

O MARTIN - Que coisa engraçada!... Só que eu, senhora, eu vim de Manchester faz, mais ou menos, cinco semanas.

A MARTIN - Que coisa engraçada! Que coincidência interessante! Eu também, senhor, eu vim de Manchester faz, mais ou menos, cinco semanas.

O MARTIN - Eu vim no trem das 8 e meia da manhã, que chega a Londres às 15 para as 5, minha senhora.

A MARTIN - Como é engraçado! Como é interessante! Que coincidência! Eu também tomei o mesmo trem, senhor, eu também!

O MARTIN - Meu Deus, como é engraçado! Pode bem ser, então, minha senhora, que eu a tenha visto no trem?

A MARTIN - É bem possível, não é incrível, é plausível, e, depois, por que não?... Mas eu não me lembro, senhor!

O MARTIN - Vim de segunda classe, minha senhora. Não existe segunda classe na Inglaterra, mas assim mesmo, ~~em~~ eu vim de segunda classe.

A MARTIN - Como é interessante, como é engraçado e que coincidência! Também eu, senhor, vim de segunda classe.

O MARTIN - Como é engraçado! Talvez nos ~~lxxx~~ tenhamos encontrado na segunda classe, senhora minha.

A MARTIN - É bem possível e pode muito bem ter acontecido. Mas eu não me lembro direito, caro senhor!

O MARTIN - Meu lugar era no vagão número 8, décimo sexto compartimento, ~~ca~~ ra senhora!

A MARTIN - Que coisa engraçada! Meu lugar também era no vagão número 8, décimo sexto compartimento, caro senhor!

O MARTIN - Que coisa engraçada e que coincidência interessante! Então,



talvez nos tenhamos encontrado no décimo sexto compartimento, cara senhora?

A MARTIN - É bem possível, afinal de contas! Mas eu não me lembro, caro senhor!

O MARTIN - Para falar a verdade, ~~em~~ minha cara senhora, eu também não me lembro, mas é bem possível que nos tenhamos visto e, se não estou enganado, isso me parece muito plausível!

A MARTIN - Ah! realmente, certamente, realmente, meu senhor!

O MARTIN - Que coisa engraçada!... Eu estava sentado na poltrona número 3, do lado da janela, minha senhora.

O MARTIN - Ah, meu Deus, como é engraçado e que coincidência!... Então, nós estávamos frente a \angle frente, minha cara senhora! Foi χ lá, então, que nos vimos!

A MARTIN - Que coisa engraçada! É possível, mas eu não me lembro, senhor!

O MARTIN - Para falar a verdade, minha cara senhora, eu também não me lembro. Entretanto é muito provável que nos tenhamos visto nessa ocasião.

A MARTIN - É verdade, mas eu não tenha certeza absoluta, caro senhor.

O MARTIN - Não foi a senhora que me pediu para colocar sua valise no porta-bagagens e que me agradeceu e que depois me deixou fumar quando χ lhe pedi?

A MARTIN - Sim, acho que fui eu mesma, caro senhor! Como é engraçado, como é engraçado e que coincidência!

O MARTIN - Como é engraçado, que coisa esquisita, que coincidência! Então, foi lá, certamente, que nos encontramos, não, minha senhora?

A MARTIN - Como é engraçado e que coincidência! É bem possível, meu caro senhor! Porém, eu não me lembro.

O MARTIN - Nem eu, minha senhora.

(Um momento de silêncio. O relógio bate duas e depois uma badaladas.)

O MARTIN - Aqui, em Londres, eu estou morando na rua Bromfield, minha cara senhora.

A MARTIN - Como é engraçado, que coisa esquisita! Eu também, desde que cheguei a Londres, estou morando na rua Bromfield, meu caro senhor.

O MARTIN - Que coisa engraçada, que coisa esquisita! Mas então, mas então, talvez nos tenhamos encontrado na rua Bromfield, minha cara senhora.

A MARTIN - Que coisa engraçada, que coisa esquisita! É bem possível, afinal de contas! Mas eu não me lembro, caro senhor.

O MARTIN - Eu moro no nº 19, minha cara senhora.

A MARTIN - Como é engraçado; eu também moro no nº 19, caro senhor.

O MARTIN - Mas então, mas então, mas então, mas então, mas então, talvez nos tenhamos visto nesse edifício, minha senhora?

A MARTIN - É bem possível, mas eu não me lembro, meu senhor.

O MARTIN - Eu moro no quinto andar, apartamento 8, minha cara senhora.



A MARTIN - Como é engraçado, meu Deus, que coisa esquisita! E que coincidência! Eu também morei no quinto andar, apartamento 8, caro senhor.

O MARTIN (sonhador) - Como é engraçado, como é engraçado, como é engraçado e que coincidência! Sabe, minha senhora, no meu quarto há uma cama. Em cima da cama, há um acolchoado de veludo verde. Esse meu quarto, com essa minha cama e com esse meu acolchoado verde, fica no fundo do corredor, entre o banheiro e a biblioteca, minha cara senhora!

A MARTIN - Que coincidência; ah, meu Deus, que coincidência! Meu quarto também tem uma cama, com um acolchoado verde e também fica no fundo do corredor, entre o banheiro, meu caro senhor, e a biblioteca!

O MARTIN - Que coisa esquisita, engraçada, estranha! Então, minha senhora, nós ocupamos o mesmo quarto e dormimos em cima da mesma cama, senhora minha! Vai ver que foi aí onde nos encontramos.

A MARTIN - Como é engraçado, e que coincidência! É bem possível que já nos tenhamos visto, e, talvez mesmo, ontem à noite. Mas eu não me lembro, meu caro senhor!

O MARTIN - Eu tenho uma filhinha; minha filhinha mora comigo, cara senhora. Ela tem dois anos, é loura, tem um olho branco e um olho vermelho; é muito bonitinha e se chama Alice, minha senhora.

A MARTIN - Que coincidência esquisita! Eu também tenho uma filhinha de dois anos com um olho branco e um olho vermelho; ela é muito ~~muito~~ bonitinha e também se chama Alice, meu caro senhor!

O MARTIN (com a mesma voz arrastada, monótona) - Como é engraçado e que coincidência! É esquisito! Vai ver que é a mesma, senhora minha!

A MARTIN - Como é engraçado! É bem possível, caro senhor.

(Um enorme silêncio... O relógio bate vinte e nove badaladas).

O MARTIN (após ter refletido longamente, levanta-se e, sem se apressar, dirige-se à Sra. Martin que, surpresa pelo ar solene do marido, levanta-se também, muito lentamente; então, o senhor Martin, com a mesma voz arrastada, monótona, ligeiramente cantada, diz:) - Então, minha senhora, creio que não há mais dúvidas: já nos vimos em outra ocasião e a senhora é a minha própria esposa... Elizabeth, eu te encontrei finalmente!

A MARTIN (aproxima-se do Sr. Martin sem apressar-se. Abraça-se sem emoção. O relógio dá uma badalada, bem forte. A badalada do relógio deve ser bem forte para sobressaltar os espectadores. O casal Martin não a escuta) - Donald, é você, darling!

(Voltam a sentar-se numa mesma poltrona, mantêm-se abraçados e adormecem. O relógio dá mais algumas badaladas. Mary, na ponta dos pés, com o dedo nos lábios, entra, silenciosamente, dirigindo-se ao público).



Os mesmos e Mary

MARY - Elizabeth e Donald estão, agora, muito felizes. Não poderão ouvir-me, portanto. Posso então revelar-lhes um segredo. Elizabeth não é Elizabeth; Donald não é Donald. E aqui está a prova: a filha de - que fala Donald, não é a filha de Elizabeth: as duas não são a mesma - criança. A filhinha de Donald tem um olho branco e um outro vermelho - exatamente como a filhinha de Elizabeth. Mas acontece que a filhinha de Donald tem um olho branco à direita e um olho vermelho à esquerda, e a filhinha de Elizabeth tem um olho vermelho à direita e um olho branco à esquerda! Por isso, toda a argumentação de Donald acaba por desmoronar-se, chocando-se com este último obstáculo, que destroi toda a sua teoria. Apesar das coincidências extraordinárias que pareciam ser provas definitivas, Donald e Elizabeth, não sendo os pais da mesma criança, não são Donald e Elizabeth. Ele bem que pensa que é Donald. Ela bem que pensa que é Elizabeth. Ele bem que pensa que ela é Elizabeth. Ela bem que pensa que ele é Donald. enganam-se redondamente. Mas, quem é o verdadeiro Donald? Quem é a verdadeira Elizabeth? Quem está interessado em prolongar esta confusão? Eu não sei. Procuremos não saber. Deixemos as coisas como estão. (Dirigi-se à porta, depois volta e vem para a frente) Meu verdadeiro nome é Sherlock Holmes. (Sai.)

CENA VI

Os mesmos, menos Mary

(O relógio fica dando quantas badaladas quiser. Depois de muito tempo, o senhor e a senhora Martin se separam, retomando os lugares que ocupavam no início.)

O MARTIN - Esqueçamos, darling, tudo isso que não se passou entre nós e, agora que já nos encontramos, procuremos nunca mais nos perder e vivamos como daqui por diante.

A MARTIN - Sim, darling.

CENA VII

Os mesmos, mais o casal Smith

(O sr. e a sra. Smith entram pela direita, sem haver mudado, absolutamente a roupa.)



A SMITH - Boa tarde, caros amigos! Desculpem-nos tê-los feito esperar tanto tempo. Julgamos que devíamos render-lhes as honras às quais têm direito e, desde que sabíamos de antemão que vocês nos queriam dar o prazer de uma visita, sem antes anunciá-la, fomos rapidamente vestir os nossos trajes de gala.

O SMITH - (furioso) - Estamos morrendo de fome. Não comemos nada o dia inteiro. Faz quatro horas que esperamos vocês. Por que chegaram a trazados?

(O sr. e a sra. Smith sentam-se. frente às visitas. O relógio - vai sublinhando as réplicas, com maior ou menor força, conforme o caso. O casal Martin, sobretudo ela, esta com ar embaraçado e tímido. E isso porque a conversa "escorrega" dificilmente e as palavras vão saindo, a princípio, com dificuldade. Um longo silêncio mortificante no começo e, em seguida, outros silêncios e hesitações.)

O SMITH - Hm. (Silêncio.)

A SMITH - Hm, hm. (Silêncio.)

A MARTIN - Hm, hm, hm. (Silêncio.)

O MARTIN - Hm, hm, hm, hm. (Silêncio.)

A MARTIN - Ah, lógico. (Silêncio.)

O MARTIN - Estamos todos resfriados. (Silêncio.)

O SMITH - Não está fazendo frio, porém. (Silêncio.)

A SMITH - Não há corrente de ar. (Silêncio.)

O MARTIN - Ah, não; felizmente. (Silêncio.)

O SMITH - Ah, la, la, la, la. (Silêncio.)

O MARTIN - O senhor costuma se aborrecer? (Silêncio.)

A SMITH - Não. Ele se avacalha. (Silêncio.)

A MARTIN - Ah, senhor, na sua idade, o senhor não devia. (Silên-

cio.)

O SMITH - O coração não envelhece. (Silêncio.)

O MARTIN - É o que dizem. (Silêncio.)

A MARTIN - Também dizem o contrário. (Silêncio.)

O SMITH - A verdade está no meio. (Silêncio.)

O MARTIN - É justo. (Silêncio.)

A SMITH (ao casal Martin) - Vocês que viajam bastante, devem ter, coisas bem interessantes para nos contar.

O MARTIN (à esposa) - Diga, querida, o que foi que você viu hoje.

A MARTIN - Não vale a pena, vocês não iriam acreditar.

O SMITH - Não poremos em dúvida a sua boa fé.

A SMITH - Ficaríamos ofendidos, se pensassem tal coisa.

O MARTIN (à esposa) - Você os ofenderia, querida, se pensasse...

A MARTIN (graciosa) - Bem, eu vi hoje uma coisa extraordinária, uma coisa incrível.

O MARTIN - Diga depressa, querida.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



O SMITH - Ótimo! Vamos nos divertir um pouco.

A SMITH - Até que enfim.

A MARTIN - Bom; hoje, quando eu fui comprar verduras, que estão cada dia

A SMITH - Onde é que nós vamos parar!

O SMITH - Não interrompa, querida; jararaca!

A MARTIN - Eu vi na rua, ao lado de um bar, um senhor bem vestido, de uns 50 anos mais ou menos...

O SMITH - O que, quem?

A SMITH - O que, quem?

O SMITH (à espôsa)- Não interrompa, querida. Não te aguento mais;

A SMITH - Querido, foi você que interrompeu primeiro; narigudo!

O MARTIN - Psiu! (à espôsa). E o que é que êsse senhor estava fazendo?

A MARTIN - Bom, vocês vão dizer que estou inventando: êle estava abaixado quando ...

O MARTIN, O SMITH e A SMITH - Oh!

A MARTIN - Sim; abaixado.

O SMITH - Não é possível.

A MARTIN - Sim, abaixado. Eu me aproximei dêle para ver o que estava fazendo...

O SMITH - Bom, e...?

A MARTIN - Estava amarrando os cordões do sapato.

OS OUTROS TRÊS - Fantástico!

O SMITH - Se não fôsse por você, eu não acreditaria.

O MARTIN - Por que isso agora? Andando pela rua, vêem-se coisas mais extraordinárias ainda. Hoje, por exemplo, eu mesmo vi, no metrô, sentado num banco, um senhor que lia tranqüilamente o jornal.

A SMITH - Que coisa incrível!

O SMITH - Talvez seja o mesmo!

(Ouve-se tocar a campainha da porta de entrada.)

O SMITH - Olhe, estão tocando.

A SMITH - Deve ser alguém. Eu vou ver. (Vai ver. Abre e volta) Não é ninguém. (Senta-se.)

O MARTIN - Eu vou dar outro exemplo. (Campainha.)

O SMITH - Olhe, estão tocando.

A SMITH - Deve ser alguém. Eu vou ver. (Vai ver. Abre a porta e volta.) Não é ninguém. (Senta-se.)

O MARTIN (que se esqueceu do que estava dizendo) - Hei!...

A MARTIN - Você disse que ia dar outro exemplo.

O MARTIN - Ah, sim... (Campainha)



O SMITH - Olha, estão tocando.

A SMITH - Eu não vou mais abrir.

O SMITH - Mas deve ser alguém!

A SMITH - Da primeira vez, não era ninguém. Da segunda vez, também não era ninguém. Por que é que você acha que agora ~~é~~ tem gente?

O SMITH - Porque a campainha tocou!

A SMITH - Isso não justifica nada.

O MARTIN - Como não! Quando se ouve bater à porta, é que há alguém na porta, que está tocando, para que a gente abra a porta.

A MARTIN - Nunca! Agora mesmo, você teve a prova.

O MARTIN - Na maioria das vezes, sim.

O SMITH - Eu, quando vou à casa de alguém, sempre toco a campainha para entrar. Acho que todo o mundo faz o mesmo e, portanto, cada vez que toca a campainha, é porque tem gente.

A SMITH - Isso acontece em teoria. Mas, na prática, é exatamente o contrário. Você ~~é~~ bem ~~se~~ viu, ~~mesmo~~ agora mesmo.

A MARTIN - Sua esposa tem razão.

O MARTIN - Eh; vocês, as mulheres; estão sempre se defendendo, umas às outras.

A SMITH - Está bem, eu vou ver. Assim você ~~é~~ não disse que sou teimosa! Mas verá que não tem ninguém! (Vai ver. Abre a porta e torça a fechar.) Viu? Não há ninguém. (Volta ao lugar.) Ah! Essas homens que querem sempre ter razão e estão sempre errados.

(ouve-se novamente a campainha.)

O SMITH - Olhe, estão tocando. Deve ser alguém.

A SMITH (numa crise de fúria) - Não me mande mais abrir a porta. Você bem viu que é inútil. A vida nos ensina que, quando toca a campainha da porta, é porque não há ninguém querendo ~~entrar~~ entrar.

A MARTIN - Isso mesmo. Jamais tem gente.

O MARTIN - Isso não é certo.

O SMITH - É até mesmo errado. Na maioria das vezes, quando se ouve tocar a campainha, é porque tem alguém querendo ~~entrar~~ entrar.

A SMITH - Ele nunca dá o braço a torcer.

A MARTIN - Meu marido também é muito cabeçudo.

O SMITH - Tem gente.

O MARTIN - Isso não é de todo impossível.

A SMITH (ao marido) - Não.

O SMITH - Sim.

A SMITH - Estou lhe dizendo que não. Em todo caso, a mim ~~é~~ você não atrapalha mais a vida. Se quiser verificar, vá você mesmo!



O SMITH - Pois vou.

(A Smith dá de ombros. A Martin sacode a cabeça.)

O SMITH (abre a porta) - Ah! how do you do! (Lança uma olhada à Sra. Smith e ao casal Martin, que estão surpresos.) É o capitão-chefe dos bombeiros!

CENA VIII

Os mesmos, e o Capitão-chefe dos Bombeiros

BOMBEIRO (é lógico que usa uniforme e um vastíssimo capacete brilhante) -
- Bom dia, meus senhores e minhas senhoras. (Os outros ainda estão um pouco espantados. A Sra. Smith, desapontada, volta o rosto, não respondendo ao cumprimento.)
Bom dia, Sra. Smith. A senhora parece desapontada.

A SMITH - Ah!

O SMITH - É que, veja o senhor, minha esposa está um pouco aborrecida por não ter tido razão.

O MARTIN - Houve, senhor Chefe-Capitão dos Bombeiros, uma controvérsia entre / o sr. e a sra. Smith.

A SMITH (para o sr. Martin) - Isso não é da sua conta. (Ao sr. Smith) Peça-lhe que não deixe os estranhos interferirem nas nossas alterações familiares.

O SMITH - Ora, querida, não é tão grave assim. O capitão é um velho amigo da casa. A mãe dele me cortejava e eu conheci seu pai. O coitado pediu-me que lhe desse a minha filha em casamento, quando ela nascesse. Morreu esperando.

O MARTIN - A culpa não é, nem sua, nem dele.

BOMBEIRO - Bom, o que foi que houve?

A SMITH - Meu marido disse...

O SMITH - Não senhora; foi você quem disse.

O MARTIN - Sim, foi ela.

A MARTIN - Não, foi ele.

BOMBEIRO - Não fiquem nervosos. Conte-me o que aconteceu, sra. Smith.

A SMITH - Bom; não tenho a mínima vontade de falar francamente com o senhor, mas um bombeiro é o mesmo que um padre confessor.

BOMBEIRO - Bom...?

A SMITH - Nós estávamos discutindo porque meu marido disse que, quando tocam a campainha, é porque tem gente querendo entrar.

O MARTIN - Coisa plausível.

A SMITH - Eu, porém, dizia que sempre que tocam a campainha, é porque não há ninguém querendo entrar.

A MARTIN - Isso pode parecer um pouco estranho.

A SMITH - Mas ficou provado, não por demonstrações teóricas, mas por fatos reais.



O SMITH - Não é exato, pois aí está o bombeiro. Ele tocou a campainha, eu abri a porta, e ôle estava querendo entrar.

A MARTIN - Quando?

O MARTIN - Bolas, agora mesmo.

A SMITH - Sim, mas acontece que só depois de tocar quatro vêzes é que tinha gente. E a quarta vez não conta.

A MARTIN - Exatamente. São só as três primeiras vêzes que contam.

O SMITH - Senhor Capitão, deixe-me fazer-lhe, de minha parte, algumas perguntas.

BOMBEIRO - Pois não.

O SMITH - Quando eu abri a porta e vi o senhor, era o senhor quem tinha tocado?

BOMBEIRO - Sim, era eu.

O MARTIN - Estava na porta, então? O senhor tocou para nós abrímos?

BOMBEIRO - Não o nego.

O SMITH (para a era. Smith, vitoriosamente) - Viu só? Quem tinha razão era eu. Quando se ouve tocar a campainha é porque tem gente tocando. Você não vai me dizer que o capitão não é gente.

A SMITH - Claro que não vou. Mas reafirmo-lhe que estou falando só das três primeiras vêzes, porque a quarta não conta.

A MARTIN - E quando tocaram da primeira vez, era o senhor?

BOMBEIRO - Não, não era não.

A MARTIN - Está vendo só? Nós ouvimos a campainha e ninguém tinha tocado.

O MARTIN - Talvez tenha sido no vizinho.

O SMITH - Fazia muito tempo que o senhor estava esperando na porta?

BOMBEIRO - Quarenta e cinco minutos.

O SMITH - E não viu ninguém chegar?

BOMBEIRO - Ninguém. Tenho certeza absoluta.

A MARTIN - Foi o senhor quem tocou da segunda vez?

BOMBEIRO - Não, dessa vez também não fui eu. E também não havia ninguém.

A SMITH - Vitória! Eu é que tinha razão!

O SMITH (à esposa) - Não seja tão precipitada. (Ao Bombeiro) E o que é que o senhor estava fazendo, parado na porta?

BOMBEIRO - Nada. Estava lá, somente. Pensava no rumo que as coisas tomaram.

O MARTIN (Ao Bombeiro) Mas, e da terceira vez... Não foi o senhor quem tocou?

BOMBEIRO - Ah, sim, dessa vez fui eu.

O SMITH - Mas quando abrímos, o senhor não estava.

BOMBEIRO - Foi porque eu tinha me escondido... só de brincadeira.

A SMITH - Não brinque, senhor capitão. O assunto é bem triste.

O MARTIN - Em suma, não ficamos sabendo se, quando tocam a campainha, tem gente ou não tem?



A SMITH - Nunca tem ninguém.

O SMITH - Sempre tem alguém.

BOMBEIRO - Vamos fazer as pazes. Vocês dois têm um pouco de razão. Quando tocam a campainha da porta, às vezes tem gente, outras vezes não tem ninguém.

O MARTIN - Está me parecendo um raciocínio lógico, éssa.

A MARTIN - A mim também.

BOMBEIRO - Na vida real, as coisas são muito simples. (Ao casal Smith:) - Beijem-se.

A SMITH - Já nos beijamos agorinha mesmo.

O MARTIN - Amanhã eles se beijam. Têm muito tempo; não fazem nada o dia inteiro.

A SMITH - Senhor capitão; já que o senhor nos ajudou a resolver este assunto, ponha-se à vontade: tire o capacete e sente-se por um momento.

BOMBEIRO - Desculpem-me, mas não posso me demorar. Vou tirar o capacete, mas não tenho tempo de sentar-me. (Senta-se, sem tirar o capacete). Confesso que vim para fazer outra coisa. Estou a serviço.

A SMITH - E o que lhe foi designado, senhor capitão?

BOMBEIRO - Peço que desculpem minha indiscreção (embaracadíssimo) ahn... (apontando para o casal Martin) é que... depois, eu... na frente deles...

A MARTIN - Pode falar.

O MARTIN - Somos velhos amigos. Eles nos contam tudo.

O SMITH - Diga.

BOMBEIRO - Bom, lá vai: tem alguma coisa pegando fogo aqui?

A SMITH - Por que o senhor nos faz essa pergunta?

BOMBEIRO - É ~~xxxxxxxx~~ porque... desculpem; mas eu tenho ordem de apagar todos os incêndios aqui da cidade.

A MARTIN - Todos?

BOMBEIRO - Sim, todos.

A SMITH (confusa) - Não sei... não creio, mas o senhor quer que vá ver?

O SMITH (refletindo) - Não adianta nada ir ver. Não estamos sentindo cheiro nenhum de queimado.

BOMBEIRO (desolado) - Nenhum, nenhum? Os senhores não têm um foguinho na chaminé, alguma coisa queimando no sótão ou no porão? Um comezozinho de incêndio, pelo menos?

A SMITH - Olhe, nós não queremos deixá-lo triste, mas acho que não temos nada aqui em casa, por enquanto. Prometo-lhe que avisaremos, assim que houver qualquer coisa.

BOMBEIRO - Não se esqueçam; me prestariam um grande favor.

A SMITH - Nós juramos.

BOMBEIRO (ao casal Martin) - E na casa dos senhores, também não há nada



pegando fogo?

A MARTIN - Infelizmente, não.

O MARTIN - As coisas não andam bem, hoje em dia.

BOMBEIRO - Nada bem, mesmo. Não há quase nada, só algumas explosõeszinhas, uma chaminé ou um sótão. Nada de grave. E isso não conta. E como não dá lucro, não se recebe comissão.

O SMITH - Nada vai bem. É tudo a mesma coisa. Este ano, o comércio e a agricultura estão como o fogo, não pegam mesmo.

O MARTIN - Não há trigo, não há fogo.

BOMBEIRO - Não há nem mesmo inundação.

A SMITH - Mas açúcar tem.

O SMITH - É que mandam vir do estrangeiro.

A MARTIN - E, quanto aos incêndios, é mais difícil. Muitos impostos!

BOMBEIRO - Assim mesmo acontece. Mas é muito raro. Uma ou outra asfixia - com gás. Por exemplo, uma senhora morreu de asfixia na semana passada.

A MARTIN - Tinha esquecido o gás aberto?

BOMBEIRO - Não, ela pensou que era o pente.

O MARTIN - Essas confusões são de um perigo enorme!

A SMITH - O senhor já foi ver na fábrica de fósforos?

BOMBEIRO - Não adianta. Eles têm seguro contra o fogo.

O MARTIN - Então vá ver, de minha parte, o vigário de Wakefield!

BOMBEIRO - Eu não posso apagar fogo em casa de padres. O bispo fica zangado. São eles mesmos que apagam o seu fogo, ou então, pedem para as vestais.

O SMITH - Experimente na casa dos Durand.

BOMBEIRO - Também não posso. Ele não é inglês. É naturalizado, somente. Os naturalizados têm direito a ter casas, mas se elas pegam fogo, eles não podem apagar.

A SMITH - Ah, mas quando pegou fogo na casa deles, o ano passado, eles apagam assim mesmo.

BOMBEIRO - Foi tudo clandestino. Ah, eu é que não teria coragem de denunciar.

O SMITH - Nem eu.

A SMITH - Já sei que não tem pressa, senhor capitão, fique mais um pouco. Só nos dará prazer.

BOMBEIRO - Querem que eu conte anedotas?

A SMITH - Ah, claro; o senhor é adorável. (Abraça-o.)

OS OUTROS TRÊS - Sim, sim, anedotas, bravo! (Batem palmas.)

O SMITH - E o mais interessante é que as histórias do bombeiro são verdadeiras, tôdas vividas.



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

- 17 -

BOMBEIRO - Eu só conto os fatos que já me aconteceram, a mim mesmo. Ah, a natureza, nada mais real que a natureza. Os livros, nunca.

O MARTIN - Isso mesmo, a verdade não se encontra nos livros, mas na vida.

A SMITH - Comece!

O MARTIN - Comece!

A MARTIN - Silêncio, ele vai começar.

BOMBEIRO (tosse muitas vezes) - Por favor, não me olhem assim, eu fico acanhado. Vocês sabem como eu sou tímido!

A SMITH - É encantador? (Abraça-o.)

BOMBEIRO - Vou tentar começar assim mesmo. Mas prometam que não me ouvirão.

A MARTIN - Mas, se não o escutarmos, não entenderemos nada.

BOMBEIRO - É mesmo, não havia pensado nisso.

A SMITH - Eu disse a vocês: é uma criança.

O MARTIN e O SMITH - Ah, a querida criancinha! (Abraçam-na.)

A MARTIN - Coragem.

BOMBEIRO - Bom, lá vai. (Tosse mais, depois começa, com a voz trêmula de emoção.) O cachorró e o boi, fábula experimental: certa vez, um outro boi perguntou a um outro cachorro: "Por que não abaixou a tromba?" "Perdão", respondeu o cachorro, "é porque eu pensei que fôsse elefante."

A MARTIN - Qual é a moral da história?

BOMBEIRO - Os senhores é que devem descobrir.

O SMITH - Tem razão.

A SMITH (Curiosa) - Conte outra.

BOMBEIRO - Um jovem bezerro conceu muito vidro moído. Em consequência disso, foi obrigado a dar à luz. Nasceu uma vaca. Então, como o bezerro ainda era um rapaz, a vaca não o podia chamar de "mamão". E também não o podia chamar de "papai", porque ele era muito paquenininho. O bezerro foi então obrigado a se casar com uma pessoa e a Prefeitura rezou todas as medidas editadas pelas circunstâncias da moda.

O SMITH - Da moda atual.

O MARTIN - Como as tripas.

BOMBEIRO - Então os senhores já conheciam?

A SMITH - Saiu em todos os jornais.

A MARTIN - Aconteceu lá perto de casa.

BOMBEIRO - Vou contar outra. O Galo. Certa vez, um galo quis se fingir de cachorro. Mas não conseguiu, porque logo o reconheceram.

A SMITH - Em compensação, o cachorro que se fingiu de galo nunca foi reconhecido.

O SMITH - Eu também vou contar uma: a serpente e a raposa. Certa vez, uma



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

- 18 -

serpente, aproximando-se de uma rapôsa, disse-lhe: "Parece-me que já a conheço!" A rapôsa respondeu: "A mim também!" "Então," disse a serpente, "me dá dinheiro." "Rapôsa não dá dinheiro", respondeu o ousado animal, que, para escapar, saltou = num vale profundo, cheio de pés de framboeza e de mel de galinha. A serpente já a estava esperando, rindo com um riso nefistofélico. A rapôsa puxou a faca, ~~xxkxixxx~~ arlando: "Eu vou te ensinar a viver". Depois fugiu, virando as costas. Não conseguiu. A serpente foi mais esperta. Com um sóco bem dado, bateu na rapôsa, no meio da testa, que se quebrou em mil pedaços, gritando: "Não! Não! Quatro $\frac{1}{2}$ vezes não! Eu não sou sua filha!"

A MARTIN - É bem interessante.

A SMITH - Não é né.

O MARTIN (cumprimentando o sr. Smith) Meus parabéns.

BOMBEIRO (ciumento) - Não é nada famosa. Além disso, eu já a conhecia.

O SMITH - É terrível.

A SMITH - Mas não é verdade.

A MARTIN - Pois é. Infelizmente.

O MARTIN (à sra. Smith) - É a sua vez, minha senhora.

A SMITH - Só conheço uma: vou contá-la. Intitula-se "O buquê".

O SMITH - Minha mulher sempre foi muito romântica.

O MARTIN - É uma verdadeira inglesa.

A SMITH - Bem: Certa vez, um noivo levou um ~~xxx~~ buquê de flores à sua noiva que lhe disse: "obrigada"; mas antes que ela lhe dissesse "obrigada", ele sem dizer uma palavra, pegou as flores que lhe havia dado para dar-lhe uma boa lição, e ~~ex~~ dizendo-lhe "eu as retomo", disse "adeus" e, retomando-as, se afastou de cá para lá.

O MARTIN - Ah, encantadora! (Abraça ou não abraça a sra. Smith)

A MARTIN - O senhor tem uma mulher, sr. Smith, da qual todo mundo tem ciúmes.

O SMITH - É verdade. Minha mulher é a própria inteligência personificada. É ainda mais inteligente do que eu. Em todo caso, ela é bem mais ~~xxixkxkx~~ feminina. Dizem.

A SMITH (ao Bombeiro). - Mais uma, capitão.

BOMBEIRO - Ah, não, já é tarde.

O MARTIN - Diz assim mesmo.

BOMBEIRO - Estou muito cansado.

O SMITH - Prestai-nos esse serviço.

O MARTIN - Por favor.

BOMBEIRO - Não.

A MARTIN - O senhor tem um coração de gelo. Nós estamos andando sobre as



brasas ardentes.

A SMITH (cai de joelhos, soluçando, ou não faz nada disso) - Suplico-lhe.
BOMBEIRO - Seja.

O SMITH (ao ouvido da sra. Martin) - Ele aceitou! Vai nos amolar mais ain-
da.

A MARTIN - ~~Rxxx~~ Psiu.

A SMITH - Qual nada! Enjoei de ser delicada.

BOMBEIRO - O resfriado! Meu cunhado tinha, do lado paterno, um primo ela-
mão, cujo tio materno tinha um pai em segundo grau, cujo avô paterno tinha se cae-
sado em segundas núpcias com uma jovem indígena, cujo ~~irix~~ irmão tinha encontra-
do, numa de suas viagens, uma moça pela qual se apaixonou e com a qual teve um fi-
lho que se casou com uma farmacêutica intrépida que não era outra senão a sobri-
nha de um inspetor de quartelão que a Marinha Britânica não conhecia e cujo pai
adotivo tinha uma tia que falava correntemente o espanhol e que era, talvez, uma
das netas de um engenheiro que morreu jovem, sendo, ~~ele prxxx~~ próprio, o neto
de um proprietário de vinhas, que produzia um vinho ordinário, mas que tinha um
sobrinho-neto, caseiro, ajudante, cujo filho havia desposado uma mulher jovem e
muito bonita, divorciada, ~~xxx~~ cujo primeiro marido era filho de um patriota sinc-
ro que soube elevar, no desejo de fazer fortuna, uma de suas filhas que se pôde-
casar com um caçador que havia conhecido Rothschild e cujo irmão, depois de haver
mudado muitas vezes de profissão, casou-se e teve uma filha, cujo bisavô, miserá-
vel, usava óculos que lhe haviam sido dados por um seu primo, cunhado de um ~~por-~~
tuguês, filho natural de um moleiro, não muito pobre, cujo irmão de leite tinha
tomado por esposa a filha de um médico do campo, sendo ~~ele próprio~~ irmão de leite
do filho de um leiteiro, filho natural de um outro médico de campo, casado três
vezes em seguida, e cuja terceira mulher...

O MARTIN - Se não me enganou, eu conheci essa terceira mulher. Comia fran-
go assado numa colmeia.

BOMBEIRO - Não é a mesma, não.

A SMITH - Psiu!

BOMBEIRO - Dizia eu:... cuja terceira mulher era a filha da mulher partei-
ra da região e que, tendo ficado viúva muito cedo...

O SMITH - Como a minha mulher.

BOMBEIRO - ... casou-se novamente com um vidreiro, cheio de alegria, que
havia feito, a filha de um chefe de estação, uma criança que soube seguir sua es-
trada na vida...

A SMITH - Sua estrada de ferro...

O MARTIN - que nem nas cartas.

BOMBEIRO - E tinha se casado com um negociante de nove estações, cujo pai



tinha um irmão, prefeito de uma cidadezinha, que tinha se casado com uma professora louca, cujo primo, pescador de linha...

O MARTIN - De linha reta?

BOMBEIRO - ... havia tomado por esposa uma outra professora louca, também chamada Maria, cujo irmão tinha se casado com uma outra Maria, também professora louca...

O SMITH - Sendo louca, não poderia ter outro nome, a não ser Maria.

BOMBEIRO - ... e cujo pai havia sido levado para o ~~Exílio~~ Canadá por uma velha, sobrinha de um pároco, cuja avó, de vez em quando, no inverno, como todos nós, apanhava um resfriado.

A SMITH - Que história interessante. Quase incrível.

O MARTIN - Quando a gente apanha um resfriado, deve prender as ~~filas~~ fitas.

O SMITH - Essa precaução é inútil, mas absolutamente necessária.

A MARTIN - Desculpe, sr. Capitão, mas eu não entendi muito bem sua história. No fim, quando chega à avó do padre, perdi o fio.

O SMITH - Por entre as patas do padre, sempre se perde um ponto.

A SMITH - Ah, Capitão, conte outra vez. Todos nós lhe pedimos.

BOMBEIRO - Ah, eu não sei se ~~xi~~ vou poder. Estou de serviço. Depende da hora.

A SMITH - Aqui em casa, nós não sabemos que horas são.

BOMBEIRO - Mas, e o relógio?

O SMITH - Não funciona direito. Tem espírito de contradição. Indica sempre o contrário da hora verdadeira.

CENA IX

Os mesmos e Mary

MARY - Senhora... Senhor...

A SMITH - Que você quer?

O SMITH - Que veio fazer aqui?

MARY - Que o senhor e a senhora desculpem... e essas senhoras e senhores também... eu queria... eu queria... também... contar uma anedota...

A MARTIN - O que é que ela disse?

O MARTIN - Acho que a criada dos nossos amigos ficou maluca... Ela também quer contar uma anedota.

BOMBEIRO - Quem ela pensa que é? (Olha-a.) Oh!

A SMITH - O senhor está surpreso? Por que razão?



O SMITH - Você está verdadeiramente deslocada, Mary...

BOMBEIRO - Oh! Mas é ela! Não é possível.

O SMITH - Mas o senhor?

MARY - Não é possível! Aqui!

A SMITH - O que significa isso?

O SMITH - Vocês são amigos?

BOMBEIRO - E como! (Mary atira-se ao pescoço do Bombeiro.)

MARY - Estou feliz por te rever.. enfim!...

O SMITH e A SMITH - Oh!

O SMITH - É grave demais, aqui, em nossa casa, nos arredores de Londres!

A SMITH - Isso não convém...

BOMBEIRO - Foi ela quem me apagou os primeiros fogos.

MARY - Eu sou o esguichinho dêle..

O MARTIN - Já que é assim... caros amigos... êsses sentimentos são explicáveis, humanos, honrados...

A MARTIN - Tudo que é humano é honrado.

A SMITH - Mesmo assim, não gosto de vê-la assim... entre nós...

O SMITH - Ela não tem educação suficiente...

BOMBEIRO - Ora, / vocês são cheios de preconceitos.

A MARTIN - Eu acho que uma criada, em suma, se bem que nada tenha a ver com isso, não passará jamais de uma criada..

O MARTIN - Mesmo que possa ser, de vez em quando, ótimo detetive.

BOMBEIRO - Deixe-me.

MARY - Não se exalte!... Eles não são tão maus quanto são.

O SMITH - Hum... hum... vocês são enternecedores, os dois, mas assim um pouco... um pouco...

O MARTIN - Sim, é êsse o termo exato.

O SMITH - ... um pouco vistosos demais.

O MARTIN - Ele possui um pudor britânico, desculpem-me mais uma vez por precisar o meu pensamento, incompreendido pelos estrangeiros, mesmo especialistas, graças àquela, por me exprimir dessa maneira... enfim, eu não digo isso para lhes...

MARY - Eu queria lhes contar...

O SMITH - Não conte nada...

MARY - Oh, sim!

A SMITH - Vamos, minha querida Mary, vá, gentilmente à cozinha e fique lendo os poemas, em frente do espelho...

O MARTIN - Ora, mesmo sem ser empregada, eu também leio poemas em frente do espelho.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- 22 -

A MARTIN - Hoje de manhã, quando você se olhou no espelho, você não se viu.

O MARTIN - É porque eu já tinha saído...

MARY - Eu poderia, quem sabe, ainda assim, recitar um pequeno poema.

A SMITH - Minha querida Mary, você é terrivelmente cabeçuda.

MARY - Então vou recitar-lhes um poema, está bem? Intitula-se "O Fogo", em homenagem ao capitão:

O Fogo

Os vagalumes brilham na ~~na~~ floresta

Uma pedra pega fogo

O castelo pega fogo

A floresta pega fogo

Os homens pegam fogo

As mulheres pegam fogo

Os passarinhos pegam fogo

Os peixes pegam fogo

A água pega fogo

O céu pega fogo

A cinza pega fogo

A fumaça pega fogo

O fogo pega fogo

Tudo pega fogo,

Pega fogo, pega fogo.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(Vai dizendo o ~~meu~~ poema, empurrada para fora da sala pelos Smith.)

CENA X

Os mesmos, menos Mary

A MARTIN - Senti um frio na espinha...

O MARTIN - Mas os versos têm um certo calor...

BOMBEIRO - Eu achei maravilhoso.

A SMITH - Você está exagerando.

BOMBEIRO - Escuten, é verdade... tudo isso é muito ~~subjetivo~~ subjetivo ... mas é essa a minha concepção do mundo. Meu sonho. Meu ideal... e depois, isso me lembra que tenho de ir embora. Vocês não têm relógio, e, aos três quartos de hora e dezessete minutos, exatamente, tenho um incêndio, do outro lado da cidade. Preciso sair correndo. Ainda bem que não é grande coisa.

A SMITH - O que é? Fumaça de chaminé?



O SMITH - Monday, Tuesday, ~~is~~ Wednesday, Thursday, Friday, Saturday, Sunday.

O MARTIN - Edward is a clerk; his sister Nancy is a typist, and his brother William a shop-assistant.

A SMITH - Piada familiar!

A MARTIN - Prefiro mais um passarinho $\frac{1}{4}$ num campo, que uma meia num carrinho de mão.

O SMITH - Mais vale um filê num chalé, que café numa casa de sapé.

O MARTIN - A casa do inglês é o seu verdadeiro ~~palácio~~ palácio.

A SMITH - Não conheço muito bem espanhol para que me compreendam.

A MARTIN - Eu te darei os ~~shinshin~~ chinelos de minha cunhada, se você me der o caixão de seu marido.

O SMITH - Eu estou à procura de um ~~padre~~ padre monofísito para se casar com = nossa empregada.

O MARTIN - O pão é uma árvore, desde que o pão também seja uma árvore, e do carvalho nasce um carvalho~~o~~, aos despertar das manhãs.

A SMITH - Meu tio vivia no campo, mas comadre não tinha nada com isso.

O MARTIN - O papel é para escrever, o gato é para o rato. O queijo é para arranhar.

A SMITH - O automóvel vai muito depressa, mas a cozinheira sabe melhor como preparar os pratos.

O SMITH - Não toque Dim Dom; ao invés disso, abraçe o conspirador.

O MARTIN - Charity begins at home.

A SMITH - Espero que o aqueduto venha ~~me~~ me ver no meu moinho.

O MARTIN - Pode-se provar que o progresso social é bem melhor com açúcar.

O SMITH - Abaixo o engraxamento!

(Em seguida à esta última réplica do sr. Smith, os outros ficam em silêncio por um momento, estupefatos. Sente-se que há um certo enervamento. As badaladas do relógio são mais ~~me~~ nervosas ainda. As réplicas que seguem devem ser ditas, então, num tom ~~me~~ gélido, hostil. A hostilidade e o enervamento irão num crescendo. No fim da cena, as quatro personagens deverão estar de pé, juntos, uns dos outros, gritando suas falas, levantando o punho, prestes a se jogarem ~~me~~ uns sobre os outros.)

O MARTIN - Não podemos polir esses óculos com graxa preta.

A SMITH - Sim, mas com dinheiro, podemos comprar tudo o que quisermos.

O MARTIN - Gosto mais de matar um coelho do que cantar no jardim.

O SMITH - Kakatús, kakatús, kakatús, kakatús, kakatús, kakatús, kakatús, kakatús, kakatús, kakatús.



A SMITH - Que descarga, que descarga.

O MARTIN - Que cascata de descargas, que cascata de descargas.

A SMITH - Os cães têm pulga, os cães têm pulga.

A MARTIN - Cactus, Coccoys; Coccus; Carcado; Porco;

A SMITH - Encacador, tu nos encacas.

O MARTIN - Costo mais de pôr um ôvo do que roubar um boi.

A MARTIN (abrindo enormemente a boca) - Ah! oh! ah! oh! deixem-me ranger os dentes.

O SMITH - Caimão!

O MARTIN - Vamos esbofetear Ulisses.

O SMITH - Concatenarei casa com côco de conga.

A MARTIN - Dos cacauzeiros nos cacauzais não caem caquizeiros, cai cacau! Dos cacauzeiros nos cacauzais não caem caquizeiros, cai cacau! Dos cacauzeiros nos cacauzais não caem caquizeiros, cai cacau!

A SMITH - Os sorrisos têm supercílios, os supercílios não têm sorrisos.

A MARTIN - Não estufe meu pantufo!

O MARTIN - Não enfôfa o pantôfo!

O SMITH - Não entroche a brocha, não embroche a toca.

A MARTIN - A brocha chôcha.

A SMITH - Escache uma brocha.

O MARTIN - Muche a sarja bruxa, murche a sarja bruxa.

O SMITH - Entroche a bruxa.

A MARTIN - ~~Escaramucha!~~ Escaramucha!

A SMITH - Bruxa murcha!

O MARTIN - Tua bruxa é trouxa.

O SMITH - Você me entrocha.

A MARTIN - Bruxa murcha não entrocha a trouxa.

A SMITH - Não entrocha.

O MARTIN - Vinícius.

O SMITH - Manoel.

A MARTIN e O SMITH - Bandeira.

A SMITH e O MARTIN - Drummond.

A MARTIN e O SMITH - Carlos Drummond.

A SMITH e O MARTIN - Manoel Bandeira.

A MARTIN - Gragojeio da gruta, gragojeio da gruta.

O MARTIN - Mardita, morta na marmita!

A SMITH - Khriishnamurti, khriishnamurti, khriishnamurti!

O SMITH - O papo derrapa. O papa não papa o sopapo. O papo despapa por so
pa pos.

A MARTIN - Bazar, Balzac, basbaque!

O MARTIN - Bisar, bisou, bisonho!

O SMITH - A, e, i, o, u, a, e, i, o, u, a, e, i, o, u, i!

A MARTIN - B, c, d, f, g, n, j, l, m, n, p, q, r, s, t, v, x, z!

O MARTIN - Do alho ao óleo, do óleo ao alho!

A SMITH (imitando um trem) - Chuch, chuch, chuch, chuch, chuch, chuch, -
chuch, chuch, chuch, chuch, chuch, ~~chuch~~ chuch.

O SMITH - Não!

A MARTIN - É!

O MARTIN - Por!

A SMITH - Lá!

O SMITH - É!

A MARTIN - Por!

O MARTIN - A!

A SMITH - Qui!

(Todos juntos, no máximo da fúria, berrando uns nos ouvidos dos
outros. A luz diminui. Na escuridão, ouve-se, num ritmo cada
vez mais rápido:)

TODOS (juntos) - Não é por lá, é por aqui, não é por lá, é por aqui, não
é por lá, é por aqui, não é por lá, é por aqui, não é por lá, é por aqui, não é
por lá, é por aqui.

(As palavras cessam bruscamente. De novo, luz. O sr. e a sra. -
Martin estão sentados, como os Smith no começo da peça. A
peça
recomeça com os Martin, que dizem exatamente as falas dos Smith
na Cena I, enquanto o pano se fecha lentamente.)

F I M

A CANTORA CARECA

anti-peça de Eugène Ionesco

tradução de Luiz de Lima

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Centro de Arte Dramática da UFRGS
Pôrto Alegre